

A IMAGEM E A DECOLAGEM

Ao meu querido amigo Walter Paulo Sabella, cujo texto me serviu de guia e inspiração para este outro.

A contundência dos objetos, a sua materialidade que os prende à terra pelo seu peso, pela sua opacidade, pela lei da gravidade, se não nos impedem de assimilá-los, restringem a sua transfiguração. Daí que os transformamos em imagens, para a decolagem. É curioso também que a própria borboleta, sendo antes a lagarta reclusa em seu casulo, não raro espinhenta e cáustica, depois de completar a sua metamorfose, se denomine “imago”, e só então pode alçar voo, a roçar pelas flores. Imagem, imaginação, duas palavras que se entrelaçam e chegam ao excesso da fantasia.

A imagem substitui a coisa. E, sendo abstrata, pode ser transportada e invocada a qualquer momento. Não podemos ter no bolso a montanha, mas podemos ter a sua imagem, a sua representação mental. Retratos, desenhos, fotografias, invocam imediatamente a pessoa ausente. E o cinema, que é a imagem em movimento, permite-nos rever um sem-número de vezes as criaturas, não em sua dimensão concreta e palpável, mas de qualquer modo quase reais. Quando então surgiu o som gravado, elas também nos falam e cantam. A cor veio depois para torná-las ainda mais próximas da realidade. O que dizer agora das imagens geradas pela Inteligência Artificial?

Tudo o que existe tende a ser substituído pela imagem. O singular é que, concomitantemente, pretendêssemos outra vez torná-las sólidas, com a escultura, em mármore, em bronze, em terracota, em gesso. Igualmente, a

levamos assim para o culto nas igrejas. O que geraria a iconoclastia, para um retorno à mais pura abstração da imagem na mente.

A imagem pode ainda provir não do ser em si, mas derivar do que não existe, para torná-lo existente. Quem imagina a dor, fingindo-a, finge a dor que de fato sente, como quer Fernando Pessoa.

Imaginar é também lucubrar, e neste verbo está implícita a cogitação, que se faz de noite, à luz das velas ou sob a luz do abajur, da lâmpada elétrica. Porque à noite todas as imagens se dissolvem, e é preciso trazê-las à luz. E eis outra expressão significativa, “dar à luz”, da mulher que traz para fora aquele ser que esteve, obscuro, na escuridão interior do seu ventre. Assim, toda mãe é um luzeiro, uma iluminação.

A lei preserva a pessoa, corporalmente, mas também preserva a sua imagem, a imagem que ela faz de si mesma, pela sua reputação, e que ela pretende que os demais assim a vejam.

A imagem domina o mundo e representa-o, para que possamos assimilá-lo. O papel-moeda substitui a barra de ouro; a assinatura autentica o documento; o cetro ou a coroa designam o poder, e representam o monarca, o imperador; o anel de grau, o doutor; a espada, o guerreiro; a farda, o militar; e os anéis, as alianças, são postas nos dedos do marido e da mulher, como compromisso de fidelidade, de amor, de amparo mútuo.

A imagem da rosa não tem o seu perfume. Alguma coisa escapa no laboratório mental quando se fabrica a imagem que substituirá o objeto. Afinal, a arte é artifício, mas o seu artefato não pode ser a coisa em si mesma.

Que é, porém, a coisa em si mesma? Não sabemos. Ela é irreduzível, e tem um segredo inviolável.

O ovo é um pássaro oculto, uma promessa de asas e de canto. A gaiola vazia pode configurar o pássaro que fugiu. Ele decolou. E a poesia será um modo de o capturar, ou recapturar.

Não será a vida um processo de assimilação? Ou de dissimulação? A alma é a imagem do corpo, ou o corpo é a imagem da alma?

“Quem ama o feio, bonito lhe parece”, diz o adágio. No fundo, tudo é imagem. E somos a imagem que fazemos de nós mesmos, e do mundo.

Antonio Carlos Augusto Gama

Promotor de Justiça, aposentado